



# ODYLIO DENYS: UMA VOCAÇÃO DE SOLDADO

L.P. Macedo Carvalho

---

Palestra proferida em sessão solene do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB), no dia 2 de abril, no auditório do Comando Militar do Leste, em homenagem ao transcurso do centenário de nascimento do Marechal Odylio Denys. (\*)

---

## INTRODUÇÃO

O homem só é eterno quando sua obra sobrevive. Pereniza-se, não se apagando nem caindo no esquecimento, em função do seu valor intrínseco e do benefício proporcionado à sociedade e às instituições. As ações de ordem material são corroídas pelo tempo e pelas traças. as de natureza espiritual e moral incorporam-se ao patrimônio ético e histórico das nacionalidades, imortalizando os que as praticaram, ou seja, os agentes dos fatos.

Os bustos, os monumentos, os panfoteões e os retratos por mais fidedignos

(\*) Prestigiado pelos familiares e numerosos amigos do homenageado, o ato marcou o início do ano cultural do IGHMB em 1992.



ou majestosos nunca nos dão a verdadeira imagem do que foram os predeterminados pela História. Para melhor compreendê-los e julgá-los, impõe-se fitá-los de perto e apreciá-los à distância, aquilatando os reflexos de suas atitudes e atos sobre as gerações posteriores. A dificuldade de avaliação talvez provenha do maniqueísmo sempre presente como linha de partida na abordagem histórica. Embaraço maior surge quando se trata de figura contemporânea, não raro contestada e pouco entendida em seus propósitos.

A história é a tela onde os fortes deixam em cores vivas os traços de suas ações e pensamentos. Pouco importa o ângulo em que se coloque o observador. A história dispensa preconceitos e se preocupa apenas com o real que é racional.

É fácil para o analítico ou crítico, com o passar dos tempos — no conforto e silêncio das bibliotecas e auditórios — interpretar a história e contar como o protagonista dos fatos tropeçou, falhou ou poderia sair-se melhor.

A verdade pertence ao homem que se achava efetivamente na arena, com a face desfigurada pelo suor, pelo sangue e pela poeira, àquele que não vacila e converte audaciosamente o querer em ser pela tenacidade, a quem sente o desafio da inferioridade momentânea e a transforma em triunfo, ao que experimenta grandes emoções, conhece imensas devoções, vive no final o sabor das altas realizações e que, nos piores instantes, se falha, pelo menos tomba lutando galhardamente por um ideal, de forma tal que jamais terá lugar entre as almas frias e tímidas,

desconhecedoras da vitória ou da derrota.

Constitui verdadeiro desserviço à nacionalidade, olvidar as pessoas que deram rumos diferentes à Nação em seu contínuo processo evolutivo.

Eis a razão porque, nesta oportunidade, aqui estamos a evocar e a reverenciar a memória do Marechal Odylio Denys, cujo centenário de nascimento transcorreu a 17 de fevereiro do corrente ano — despercebido pela mídia e pelos órgãos responsáveis por preservar a memória nacional — ele que teve marcante atuação na vida pública brasileira de 1922 até 1964.

Assim, procuraremos retratar, em ligeiros traços, com o imparcial pincel da verdade, sem a pretensão de julgar ou idolatrar, o homem, o soldado e o cidadão, à luz de suas próprias atitudes e palavras no quadro da conjuntura da época em que viveu e do alcance dos ensinamentos legados.

## O HOMEM

Vejamus Denys com suas características pessoais, defeitos e virtudes peculiares a todo ente humano, ganhando aplausos e sofrendo injustiças.

Nascido de família abastada, conhecida na sociedade rural fluminense, corria-lhe nas veias sangue franco-suíço e português. Veio ao mundo na Fazenda São Germano, em Santo Antônio de Pádua, perto de Nova Friburgo, Estado do Rio de Janeiro, a 17 de fevereiro de 1892. Era o segundo dos treze filhos do fazendeiro, plantador de café, Professor Otávio Denys — homem de bom gosto e acurado

senso artístico, instruído na Europa — e de Dona Maria Luiza Cunha Denys. Do pai herdara a estatura alta e o espírito determinado; da mãe, a natureza alegre, a imaginação fértil, a tenacidade e a rígida moral. Dois dos seus quatro irmãos homens atingiram também o generalato na reserva: Olindo, oriundo de artilharia, e Osiris, de cavalaria.

A formação recebida, na fervorosa fé cristã e em um lar bem estruturado, moldou-lhe um coração bondoso, generoso, magnânimo e despido de preconceitos.

Odylio Denys era de tez clara, espadado, corpulento; media cerca de 1,85m; possuía olhos castanhos, acentuada calva e cabelos claros finos, rosto largo com profundas rugas adquiridas ao longo de uma vida de lutas incessantes — típico de homens decididos e firmes. Apesar de seu olhar penetrante e da sisudez estampada na face que não o faziam muito simpático à primeira vista, tinha uma figura expressiva, empertigada e marcial, especialmente quando fardado, que impunha respeito. Na realidade, a simplicidade era uma virtude inata à sua pessoa para quem penetrasse naquele semblante austero e circunspecto. A glória não lhe emprestava atitudes graves e soberbas. Atencioso, calmo, cortês e paciente, recebia com fidalguia todos que lhe procuravam. Esse natural feito concorria para desfazer a aparente antipatia despertada e captar fácil e rapidamente a amizade das pessoas de bem.

Sereno e seguro de si mesmo, sabia o que queria e o que fazer na devida oportunidade. Cauteloso e reser-

vado, mesmo na intimidade não era homem de muitas palavras e sorrisos largos. Um tanto surdo — seqüela do quinino tomado para combater a malária contraída nas duas vezes em que esteve preso na Ilha Grande, após o fracasso da Revolta de 1922 — falava pouco e meditava antes de o fazer, ponderando bastante as circunstâncias. Usava linguagem direta, franca e limpa. Expressava-se com clareza, correção e precisão. Não era demagogo e loquaz, empregando frases sonoras, gongóricas, polpudas na forma e vazias no conteúdo. Jamais se furtava a dar sua opinião quando a solicitavam, mesmo ciente de que não agradaria. Seus conselhos eram tidos como dogmas indiscutíveis e amiúde pedidos.

Ativo e previdente, de passo firme e largo, era homem de atitudes definidas e de ação. Não tinha meias palavras, nem mandava recados. Seu gesto típico era passar a mão pela cabeça quando meditava. Suas enormes mãos não envelheciam e falavam por ele.

Se era dinâmico, disciplinador, enérgico, intransigente e otimista, parecendo, a muitos que não o conheciam bem, ser agressivo, ambicioso, frio e severo, na verdade tratava-se de um bom cristão, disciplinado, tolerante, piedoso, sentimental, amante da paz e servo da ordem. Preferia valer-se do bom senso, da persuasão, do exemplo, da convicção e da astúcia antes de apelar para o confronto e a luta. Isso define bem o seu caráter e a controvérsia íntima entre seus sentimentos pacíficos e as ações destemidas e audazes. Exemplo disso verifica-se nos episódios da destituição dos interventores

federais de São Paulo e do Rio Grande do Sul — General Waldomiro Lima e Flores da Cunha, bem como ao evitar o choque de tropas na divisa de Minas Gerais com o Rio de Janeiro, em 1964.

Possuidor de imenso tino diplomático e político, aliado a desenvolvida perspicácia, as aparências não o enganavam, as reticências não o iludiam. Sabia ver além de um sorriso ou compreender um gesto inconstante.

Ávido de saber e estudioso, recebeu do pai as primeiras lições de Francês e Matemática, no recôndito do lar. Posteriormente, estudou em Campos, Friburgo e Petrópolis, onde foi tenente-coronel aluno do colégio que frequentou. O gosto pela leitura, revelado na infância, principalmente de obras de História e sobre Napoleão Bonaparte, o credenciaria mais tarde a lecionar essa matéria, a ser distinguido com o título de sócio-honorário do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB), bem como a se tornar um dos profundos conhecedores da vida do grande corso. Das conversas em francês com o pai acabou fluente no idioma de Verlaine, o que lhe valeu acompanhar facilmente o Curso de Alto Comando ministrado pela Missão Militar Francesa e ensinar essa língua, quando excluído dos quadros do Exército em 1922. Criança ainda, ao sumir na fazenda, encontravam-no na biblioteca debruçado sobre livros. Sempre aproveitava os licenciamentos da Escola Militar para ir à Livraria Briguier, na Rua do Ouvidor, à procura de novas obras de História Militar e sobre Napoleão, encomendando-as de Paris se não as achava. Contam que

recebendo de um amigo de seu pai, como presente, *A Vida de Napoleão Bonaparte*, escrita em francês por Desiré La Croix, teve assim despertada a admiração pelo grande cabo de guerra e a vocação militar. Revelou também precoces pendores literários desde menino, lançando um jornalzinho, *O Infante*, impresso com letras de borracha, depois *A Brisa* — órgão humorístico e noticioso — e dirigindo *O Ginásial*, no Colégio Petrópolis. Dono de vasta cultura geral, com larga visão dos problemas mundiais e do Brasil, possuía avantajada erudição, o que atestam seus escritos e os cinco trabalhos editados, versando sobre temas profissionais e históricos, dos quais se destaca o livro *Ciclo Revolucionário Brasileiro — 1922/1964* (Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1980).

Franco e leal, disse deu provas no curso de sua existência, particularmente recusando-se a participar do golpe que derrubou Vargas e demitindo-se do comando da Polícia Militar do Distrito Federal de então.

Dotado de incomensurável coragem física e moral, nunca se omitiu em todos os eventos históricos que marcaram o ciclo revolucionário de 1922 a 1964, mesmo reformado. Merece especial destaque a desassomburada atitude imediata que teve ao acompanhar os presidentes Dutra e Videla, do Chile, durante a revista do destacamento sob seu comando, desfechando violento golpe sobre um indivíduo que rompera os cordões de isolamento e avançara na direção das citadas autoridades, perseguido por sargento da Polícia Militar que não o conseguira deter.

O Exército e a esposa foram as suas duas grandes paixões, a razão de ser de toda sua existência terrena. Casado com órfã de mãe e pai, descendente de Solano Lopez, mas brasileiríssima de coração, sua querida Maria Helena Bayma Denys acompanhou-o sempre nas andanças pelo Brasil afora, nos momentos de alegria e de dor, na doença e na saúde, vivendo emoções inesquecíveis. Costumava dizer a ela:

— “Minha mulher, sinto-me mais forte com você junto de mim... sua presença é sempre tranqüilizadora.”

Até nos últimos instantes dos preparativos para desencadear a Revolução de 1964, exigiu que lhe trouxessem a dedicada esposa e companheira de todas as horas do Rio de Janeiro para junto dele em Juiz de Fora. Exemplar marido e pai extremoso de cinco filhos — Embaixador Renato Bayma Denys, General-de-Exército Rubens Bayma Denys, Coronel de Infantaria Roberto Bayma Denys, Sr.<sup>a</sup> Gilda Denys Aguiar, viúva do Coronel de Artilharia Cabriel Aguiar, e Sr.<sup>a</sup> Gisélia Denys Júlio, casada com o Coronel de Infantaria Gustavo Manuel Fernandes Júlio — teve onze netos e onze bisnetos.

Viveu a maior parte da vida na modesta casa da Rua Gonçalves Crespo, próximo à sede do América Futebol Clube, no bairro da Tijuca, Rio de Janeiro, entre os livros a que dedicava tanto carinho, uma coleção de pratos de sèvres com motivos da vida de Napoleão, suas condecorações e medalhas e a réplica do busto de bronze que ornamenta a praça da matriz e sua terra natal.

Nunca foi proprietário de automó-

vel particular. Ia para o quartel, na Vila Militar, de trem “maria-fumaça” ou a cavalo, com o filho na garupa, que aguardava a abertura da Escola Rosa da Fonseca (hoje Hospital da Guanização) sentado no muro ou no meio-fio da calçada.

Católico praticante, mas não carola, condenava os excessos da igreja progressista no Brasil. Pertenceu à Irmandade da Santa Cruz dos Militares, da Igreja da Nossa Senhora da Glória do Outeiro e da Santa Casa de Misericórdia.

Filho de fazendeiros, *et pour cause* apreciava a natureza e a paisagem campestre.

Exímio cavaleiro, nutria grande amor pelo cavalo.

Em tempo algum revelou-se um aficionado dos esportes, mas fazia ginástica sueca que o pai lhe ensinara. Gostava de caminhadas pelas ruas dos arredores onde morava. Tinha uma saúde de ferro.

Trabalho, café forte e quente, seguido do indefectível cigarrinho, eram seus vícios.

Bebia socialmente e era bom *gourmet*. Não jogava sequer cartas. Raramente ia ao cinema ou a teatros e não freqüentava clubes e restaurantes. Foi um homem sociável, mas avesso à colunas sociais.

Assistia somente ao noticiário da televisão e sistematicamente recolhia-se ao gabinete, onde passava horas escrevendo e lendo.

Vibrava com os dobrados marciais, notadamente os franceses.

Madrugador e trabalhador incansável, era todo energia e força de vontade.

Detentor de privilegiada inteligência, caráter bem moldado e probidade comprovada, vivia exclusivamente para o lar e a profissão.

Jamais cogitou assumir cargos civis, públicos ou de iniciativa privada. As únicas exceções que podem ser apontadas foram ter sido contador da loja do cunhado em Campos e haver sido produtor de bananas e laranjas, na fazendola de Tribobó, Niterói, para garantir o sustento da família quando esteve fora do Exército.

Espírito superior à ostentação e lições, conservou-se sereno e acessível nos mais altos cargos que exerceu. As honrarias que lhe tributaram, como a Legião de Honra da França, a Legião do Mérito dos EUA e a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito por Costa e Silva, não lhe subiram à cabeça nem alteraram seus hábitos simples. Não se apegava a coisas materiais e vaidades mundanas. De suas qualidades ressaltam-se a modéstia e o desprendimento. Vitorioso o movimento revolucionário de 1964, não aceitou a indicação para Presidente da República, sugerindo o nome de Magalhães Pinto, por julgá-lo o líder civil da ocasião. Recusou pessoal e prontamente o convite formulado, em sua residência, por Castello Branco, para ocupar a presidência da ARENA. Demitiu-se da honrosa função de Chanceler da Ordem Nacional do Mérito para a qual o nomeara Costa e Silva. Procurado por empresário de renome para dirigir um forte grupo de indústrias, declinou solenemente do gentil oferecimento, inquirindo:

— “Que cargo será bastante grande

para ter um marechal do Exército brasileiro?”

Ao final da vida, perguntado se se envaidecia de suas mãos, à semelhança de Maurice Barré, retrucou:

— “Aos noventa anos, a vaidade é um triste pecado.”

Líder incontestado desde jovem nos estabelecimentos de ensino pelos quais passou, consagrou-se como lúcido condutor de homens em diversas situações, na brilhante trajetória percorrida como cidadão e soldado. Ao organizar o batalhão de infantaria que participaria da Revolta de 5 de julho de 1922, na Escola Militar do Realengo, colocou em forma os alunos e esclareceu-os a respeito da finalidade do movimento dirigido pelo Marechal Hermes. Em seguida, declarou que quem não desejasse tomar parte na sublevação e os parentes de oficiais ligados ao governo deveriam se retirar. Aí está uma bela prova da grandeza que caracterizava a sua liderança.

Dentre seus amigos mais íntimos salientam-se os nomes dos generais Daltro Filho, Cordeiro de Farias, Carlos Luiz Guedes, Goes Monteiro, Juarez Távora, Augusto Magessi, Nelson de Mello, Souza Aguiar, Oswaldo Motta, Silvestre Travassos, Raimundo Ferreira de Souza — o “Raimundinho” —, seu ex-assistente-secretário, e o do Dr. Dario Celso da Silva, que tanto o venerou e com quem tanto colaborou em 1964. Porém, o auxiliar mais íntimo foi o antigo ajudante-de-ordens e seu filho mais velho, hoje, Coronel Roberto Bayma Denys. É bom lembrar também que, ao escapar da Fortaleza de Santa Cruz, em 1922, Jua-

rez Távora homiziou-se na fazenda dos Denys — a “Pedra Lisa”.

Dele, não caberá dizer, como já afirmaram de tantos outros grandes homens: nas pequenas coisas era mesquinho. Quais seriam suas fraquezas? Nos depoimentos de seus familiares, companheiros, auxiliares e contemporâneos não foram apontadas. Isso mostra que não devem ser grandes, nem numerosas, pois se o fossem não lhes poderiam ter passado despercebidas, bem como aos milhares de seus comandados no decorrer dos tempos. Os subordinados o respeitavam e os superiores o admiravam. Suportou injustiças e calúnias graves de seus detratores. Ser humano, sem dúvida, possuía imperfeições e defeitos, mas nos escaquinhos de sua vida não foram encontrados testemunhos de atos ou fatos desabonadores de sua memória. É lógico, portanto, admitir que tais defeitos seriam poucos e toleráveis, não sendo nefastos.

Prestativo e generoso, amigo dos amigos, espírito superior e desprendido, amava a responsabilidade mas não se atinha a posições, como lhe acusam por ter sido prorrogada a sua permanência no serviço ativo.

Deixou o mundo para ingressar na história, a 5 de novembro de 1985, com 93 anos de idade e quase 50 de serviço útil ao Exército.

Dele, poder-se-á dizer o que Napoleão disse de Goethe:

“É um homem, um homem, uma medida de todas as coisas, um homem diante do qual os outros são apenas esboços de homem.”

## O SOLDADO

Se para Goethe a vida é ação e para Kant a vida é dever, Odylio Denys atingiu o duplo ideal, sendo como foi homem de ação e de dever.

Soldado por vocação, cedo profetizada pelos seus mestres, em tempo algum o foi por instintos, sede de glória ou ambição de poder. Muito pelo contrário, impôs-se com energia e sem perda de tempo nas horas de crise. Do tríplice aspecto em que é enfocado, projeta-se a imagem de soldado de envergadura, cujas virtudes militares o imortalizaram e consagraram também como um dos principais arquitetos da união e da profissionalização do Exército, guardião da unidade nacional e expoente de sua geração na luta pela erradicação da política ideológico-partidária dos quartéis, fulcro do enfraquecimento e do esfacelamento das Forças Armadas.

Mal saído da puberdade, assentou praça no 52.º Batalhão de Caçadores, aquartelado na Rua do Areal, no Rio de Janeiro (atual Policlínica Central do Exército), no início de 1912, por se achar a Escola Militar fechada.

Logo depois, matriculou-se na Escola Militar do Realengo, concretizando seu maior sonho. No 2.º ano da Escola Militar, tentaram atraí-lo para conspirações políticas, tão comuns na época, mas repeliu energicamente, com a autoridade de sua conduta retilínea, o envolvimento da mocidade militar em questiúnculas incompatíveis com os valores castrenses.

Declarado aspirante-a-oficial em 1915, movido pelo interesse de conhecer o país e a fronteira Sul, foi servir

no 2.º Regimento de Cavalaria, em Bagé. Ao final do ano, retornou ao Rio de Janeiro para cursar o chamado “ano zero”, a fim de equiparar o curso do Regulamento de 1905 com o de 1913, que lhe permitiria acesso futuro à Escola de Estado-Maior. Data desse período sua aproximação com Goes Monteiro.

Promovido a 2.º tenente, viu-se transferido da arma de Cavalaria para a Infantaria. Nessa oportunidade, quando os companheiros da Cavalaria procuraram-no para instá-lo a requerer a volta às origens, respondeu:

— “A sorte quis que eu ficasse na Infantaria. Não se deve contrariar a sorte, se não ela nos abandona.”

Passando a maior parte da vida arregimentado, conquistou o apreço dos chefes pela dedicação à instrução, disciplina e administração militar.

Como oficial subalterno percorreu o Nordeste em inspeção às Linhas de Tiro e estabelecimento de ensino militar, serviu no 56.º Batalhão de Caçadores, na Praia Vermelha, Rio de Janeiro, e acabou nomeado instrutor da Escola Militar do Realengo, em razão de ter sido considerado o melhor instrutor no exame de recruta da guarnição.

Integrou a famosa “Missão Indígena”, em 1918, marco indelével da transformação completa da instrução e disciplina na vetusta Escola Militar, que assinala o início de nova fase do Exército Brasileiro.

Participou conscientemente e com idealismo do 5 de julho de 1922, movimento de cunho político inspirado no de 15 de novembro de 1889, que abriu o ciclo revolucionário brasileiro

encerrado a 31 de março de 1964. Preso e excluído do Exército, com base na experiência desse longo sofrimento amargado, firmou o consenso de não mais deixar as escolas de formação militar serem envolvidas em acontecimentos políticos de qualquer natureza.

Em 1930, anistiado, reingressou, capitão no quadro de oficiais do Exército. Assinou o manifesto contra Luiz Carlos Prestes por se tornar comunista e teve participação ativa na Revolução de 30, ajudando a consolidá-la como membro do Destacamento Fontoura que combateu os paulistas no Vale do Paraíba, em 1932.

A Denys foi entregue o comando da guarda mista de elementos do Exército e da Marinha que guarnecia o Palácio do Catete, aguardando a chegada de Getúlio Vargas.

Cursou a EsAO sob a orientação da Missão Militar Francesa e comandou a Companhia da Escola de Sargentos de Infantaria (ESI) e a 2.ª do III/2.º RI, que conduziu na Revolução de 1932. Pucos sabem que por isto confiara ao II Batalhão do “Dois de Ouros” a honrosa missão de representar o Brasil na faixa de Gaza. Vem dessa época a sua convicção de que a ordem unida é a grande escola de enquadramento e disciplina da tropa.

Em 1933, após várias “caronas”, por perseguições políticas, foi promovido a major e chamado pelo General Daltro Filho para organizar e instalar o III/5.º RI, que chegara a atingir o efetivo de 1.850 homens, na antiga sede do Serviço de Imigração, quase em ruínas, na capital de São Paulo. Deste contato nascera a grande e profunda amizade entre os dois respeita-



dos chefes militares e o então ajudante daquela unidade — Capitão Carlos Luiz Guedes.

Nomeado oficial de gabinete do Ministro Goes Monteiro, atento à manutenção de nossa memória histórica, propôs o restabelecimento das ordens civis e militares da Monarquia, assim como a reorganização do antigo “Batalhão do Imperador” — criado por D. Pedro I —, sob a denominação de Batalhão de Guarda, com o tradicional uniforme extraído do álbum de Gustavo Barroso. Mais tarde, já coronel, teria a honra de comandá-lo e, como Ministro da Guerra, criaria mais quatro batalhões de guarda, nas sedes dos principais comandos de área, tudo inspirado nos *groguards* da “Velha Guarda” napoleônica.

Deve-se também a Odylio Denys a introdução entre nós dos vibrantes dobrados franceses *Paris-Belfort*, *Madelon*, *Le Regiment de Sambre et Mouse* e da “Marcha da Legião Estrangeira”, “A Granadeira” e “Marcha Lorena”. Foi o responsável pela adoção da “Marcha dos Cônsules” na revista da tropa e pela criação dos exórdios para a continência aos oficiais-generais.

Fez o curso de estado-maior, quando a Escola de Estado-Maior do Exército funcionava no Andaraí, hoje quartel do 1.º Batalhão de Polícia do Exército, e estagiou na 3.ª Seção do Estado-Maior do Exército, oficial que era voltado para a instrução da tropa.

Comandou também o 10.º BC, em Imbituba, Santa Catarina, e o 7.º Batalhão de Caçadores, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, ocasião em que demoveu Flores da Cunha

de continuar à frente do governo estadual sem reação.

Ainda tenente-coronel foi escolhido pessoalmente por Vargas para comandar o 1.º BC, de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, unidade incumbida da segurança do Palácio Rio Negro, residência de verão do Presidente da República. Ao assumir o comando dessa unidade de escol teve desagradável surpresa com a sua situação administrativo-financeira. Mas não comprometeu a administração anterior, preferindo trabalhar com denodo para reverter o quadro defrontado, o que espelha sua grandeza e nobreza de caráter.

A promoção a coronel encontrou-o à testa do atual Batalhão de Guarda Presidencial, onde teve efêmera passagem e viu-se alçado ao importante e difícil comando da Polícia Militar do Distrito Federal. Na Polícia Militar ascendeu ao generalato, com 50 anos de idade, em 1942, lá permanecendo seis anos plenos de realizações e elevando o conceito da corporação junto aos habitantes do antigo Distrito Federal.

No quartel-general da Rua Evaristo da Veiga, viveu a queda da ditadura de Vargas, opondo-se ao golpe de 1945, por absoluta lealdade ao governo. Diante da ordem recebida do Presidente da República para não reagir, apresentou sua demissão do cargo ao Ministro Goes Monteiro, que não a aceitou e o manteve no comando da Polícia Militar até 1946.

No governo Dutra, foi-lhe entregue o comando da 8.ª Região Militar, com sede em Belém, Pará, que tinha como área de responsabilidade toda a Amazônia. Visita todas as unidades da

região, percorre todo o território sob seu controle, quer sentir todos os problemas da terra e do homem local, anota as vulnerabilidades da Amazônia e tece planos para melhor defendê-la.

Do extremo Norte deslocou-se para o Sul, com a missão de organizar a 3ª Divisão de Infantaria, Rio Grande do Sul. Decorridos poucos meses, é surpreendido com a promoção a general-de-divisão e a nomeação para o comando da 1ª Divisão de Infantaria, Rio de Janeiro. Estava com 53 anos, no esplendor de sua capacidade física e mental. Voltava à tão querida Vila Militar de caras recordações. Dedicava-se de corpo e alma ao aprimoramento da instrução da tropa durante dois anos. Acorda de madrugada e antes de ir para o QG visita corpos de tropa ou assiste exercícios no campo, hábito que não abandonaria como comandante do I Exército e Ministro da Guerra, chegando a percorrer em um dia dezenove unidades. Para isso, utilizava helicóptero — seu meio de transporte favorito.

Sucedem-se as movimentações: Comando da 2ª Região Militar, São Paulo; Zona Militar do Centro; Escola Superior de Guerra; Zona Militar do Sul, Porto Alegre.

Em 1953, recebe a quarta estrela, de general-de-exército. Reinava aparente calma no país. Getúlio Vargas retornara ao poder, eleito, quando é lançado o conhecido “Manifesto dos Coronéis”. O Ministro Ciro Espírito Santo Cardoso deixa a pasta da guerra e Zenóbio da Costa o substitui. Logo depois de nomeado, telefona a Denys e ordena-lhe que assuma a Zona Mi-

litar do Leste, no Rio de Janeiro, predecessora do atual Comando Militar do Leste. Sobrevém o “Inquérito do Galeão” e, agora, o “Manifesto dos Generais”, exigindo o afastamento de Vargas. A história se repete. Getúlio se suicida. O Rio de Janeiro é ameaçado de um “bogotaço”, com saques, incêndios, mortes e distúrbios generalizados. Denys não hesita, coloca a tropa na rua e assegura a tranquilidade dos cariocas.

O General Lott assume o Ministério da Guerra. A agitação no país continuava intensa. O comandante da Zona Militar do Leste põe o cargo à disposição do ministro empossado, mas é solicitado insistentemente a continuar no exercício de suas funções.

Ocorre a crise do 11 e 21 de novembro de 1955, provocada pela demissão do Ministro da Guerra — General Lott — e pela ameaça de golpe da ala esquerdista do Movimento Militar Constitucionalista (MMC). Denys entra em cena novamente, com a energia e a determinação que o caracterizavam em todos os seus atos. Polariza as atenções, assume a liderança do Exército, reúne os generais sob seu comando em casa e decide manter Lott, depondo o Presidente Carlos Luz. Sua ação fulminante impediu que as paixões políticas, já penetrando no interior dos quartéis, provocassem inútil derramamento de sangue entre irmãos.

Em 2 de agosto de 1956, Odylio Denys atingiria o limite de tempo para permanência na ativa. Completaria quatro anos no último posto da hierarquia militar e fizera 64 anos de idade, que eram as normas vigentes, na época, para a transferência compulsó-

ria para a reserva. Tendo o General Lott em Denys a peça-chave de seu dispositivo de segurança, articula no Congresso Nacional projeto de lei, prorrogando sua permanência no serviço ativo do Exército até completar 66 anos, idade limite de transferência compulsória para a reserva de general-de-exército. Após grande debate no Congresso e controvérsias nos quartéis, foi aprovado o projeto que se converteu na "Lei Denys", como ficou conhecida. Era honra excepcional concedida pela primeira vez a um militar do Exército brasileiro, mas causara insatisfação em muita gente.

A 17 de fevereiro de 1958, Odylio Denys é transferido para a reserva por ter chegado à idade limite de permanência na ativa e é imediatamente convocado no mesmo posto. Em 1º de novembro é promovido a marechal, sendo prorrogada por mais dois anos sua permanência na ativa. Embora a convocação não constituisse exceção, pois havia se verificado com dois generais à época de Vargas (inclusive um sem o curso de estado-maior), gerou descontentamento e mal-estar.

Eleito Juscelino Kubitschek, convida-o a suceder Lott no Ministério da Guerra. Alerta o novo presidente, contudo, que o governo desagradará à oposição e às esquerdas, mas Juscelino afirma ser justamente por esse motivo que faz o convite e, assim, Odylio Denys chega inesperadamente a Ministro da Guerra. Alarma-se com o cenário político brasileiro. Em plena "guerra fria" entre o Leste e o Oeste, sente que urge combater a infiltração comunista no seio do Exército. Conhecedor da doutrina marxista-leninista,

com autoridade, prestígio, tenacidade e visão, antevendo o perigo que paira sobre a Nação, chama o General Geisel para o seu *staff* e em longo e paciente trabalho unifica as forças terrestres e as Forças Armadas, expurgando os simpatizantes do credo de Moscou incrustados a partir da gestão Lott.

Sobe Jânio Quadros e Odylio Denys continua a ser o sustentáculo do país. Na hora grave da renúncia presidencial, a 25 de agosto de 1961, apelou ao patriotismo de Jânio para que não consumasse o ato, mostrando-lhe que poupasse o Brasil do terrível vendaval político que se abateria sobre a Nação. Veio a renúncia e a ameaça representada por João Goulart na Presidência da República, levam-no a pronunciar-se à Nação, junto com os demais ministros militares, advertindo-os do risco corrido. Tenta persuadir "Jango", pelo telefone internacional, a abrir mão da presidência, mas Juscelino interfere e promete organizar uma frente ampla para apoiar Goulart e concita-o a voltar depressa ao Brasil. A 8 de setembro de 1961, o marechal deixou o Ministério da Guerra com quase 70 anos.

Afastado do poder, recolhido a sua casa da Tijuca, Denys acompanhava inquieto o desenrolar dos acontecimentos político-militares. Em 1963, começa a conspirar contra os desmandos de Goulart. O fato de estar reformado não diminuía o seu prestígio nos círculos armados. Militares e políticos batem à sua porta em busca de um líder providencial para enfrentar a tempestade que se esboçava. Denys conversa com os governadores de Minas Gerais,

Rio Grande do Sul e São Paulo. Transforma-se no artífice intelectual do movimento democrático que culminaria com a decisão de desencadear a Revolução de 1964, ao lado de Guedes, Mourão e Muricy, em Minas Gerais.

Com a vitória da Revolução de 1964, não se entregou à ociosidade. Retomou os estudos de História e ao ser empossado no IGHMB exaltou a importância de se conhecer a história militar do país, lembrando Euclides da Cunha em Canudos, Visconde de Taunay no "Retirada da Laguna" e Caxias ao lamentar a ausência de um historiador na campanha paraguaia para relatar a verdade.

Sempre dedicado à instrução e profissionalização do soldado brasileiro, deixou três publicações técnicas: "A Instrução na Infantaria" (1934), "Guia de Instrução Básica" (1955) e "Combate de Ruas e Guerrilhas" (1955).

Nunca teve comissão permanente no exterior. Passou alguns dias na Argentina, integrando a delegação de oficiais brasileiros enviada àquele país vizinho para representar o Brasil nas festividades de sua data nacional; esteve na França, atendendo a convite oficial do seu governo; visitou o Canadá e os EUA quando um de seus filhos lá serviu.

Nas palavras de Cláudio Moreira Bento, "representou uma das mais precoces, se não a maior vocação de soldado de sua geração e confirmou a expressão: *uma vez soldado, soldado até morrer!*"

## O CIDADÃO

Assevera um pensador de nossos tempos: "Não são os homens que se tornam imortais, são as suas atitudes humanas."

Embora militar por vocação e nunca tendo pertencido a qualquer partido político, forçado pelas circunstâncias da época em que viveu, não se omitiu em cumprir seus deveres de cidadão.

É na confluência do nacionalismo com o liberalismo que se posiciona o cidadão Odylio Denys. Era pública e notória a sua aversão ao comunismo, tendo sido ferrenho opositor da expansão dessa ideologia por onde andou. Considerava o comunismo o mal do século e declarava peremptoriamente não ser possível contemplos com as esquerdas, porque justificava não terem com os democratas. Entendia que ao governo cabia defender a sociedade da infiltração solerte das idéias marxistas-leninistas.

Afirmava que, se o Brasil era o país de maior estabilidade política na América do Sul, tal se dera, em grande parte, graças ao Exército.

Sobre a união das Forças Armadas, assim pensava:

— "A união das Forças Armadas dá segurança ao Brasil. Manter essa união a todo custo era o dever dos chefes militares. No dia em que for desfeita... seremos derrotados inapelavelmente pela subversão... Por isso mesmo, é chegado o momento de ultrapassar as marcas das quíziplas internas e fazer calar as paixões que tenham ainda algum ressalto partidário."

A respeito da política partidária na caserna, não escondia sua preocupação.

— “O que deve sempre ser vedado aos homens de farda — por vir destruir a disciplina, requisito essencial e fundamentalíssimo da vida militar — é a política de partidos, é a ingerência nas disputas de facções, é a participação nas competições eleitorais, é a polêmica pela imprensa ou a pregação nos comércios. Tudo isto e tudo o que se oponha à disciplina e à unidade dentro da hierarquia fere os deveres do militar.”

Conservamos ainda bem viva na mente a sua mensagem, na primeira vez que o ouvimos de perto, por ocasião da crise de 1954, no salão nobre do extinto 1.º Grupo de Canhões Automáticos de Artilharia Antiaérea 40mm, em São Cristóvão, Rio de Janeiro, lembrando à oficialidade que o Exército é uma instituição nacional permanente e serem os homens, com suas paixões, transitórios.

Côncio dos problemas sociais que afligiam as praças ao término do serviço militar, estimulava a organização de oficinas nas unidades, com auxílio das indústrias e empresas locais, a fim de profissionalizar os reservistas ao darem baixa do Exército. Referindo-se aos contingentes incorporados anualmente, costumava afirmar:

— “O Exército brasileiro é povo, é gente do povo que constitui o nosso Exército.”

Acreditava que as questões de ordem internacional eram as que mais afetavam a segurança de qualquer nação. Para ele, a política interna e externa mostravam-se inseparáveis.

“No mundo não haverá mais lugar para a democracia que não saiba se defender”, apregoava. No seu entender, achava que o Executivo devia ser forte para manter o regime.

“A inabilidade política dos EUA é um fato reconhecido”, dizia ao abordar os problemas de relações internacionais, chegando mesmo a pôr em dúvida a capacidade dos norte-americanos para exercer a liderança do mundo livre. Mas era de opinião que se fazia mister fortalecer a aliança dos povos americanos. Frisava que devíamos procurar uma posição no mundo de hoje e de amanhã, fiel às nossas tradicionais raízes latinas, lusitanas e americanas.

Julgava que a vastidão da Amazônia só poderia ser resguardada, no futuro, com efetivo de tropa bem maior do que o existente naquela área.

“Quando chego a esta linha de fronteira, todos meus sentimentos de brasilidade se revoltam”, proclamava com relação às terras da antiga província cisplatina perdida pelo Brasil, ainda como subalterno do 2.º Regimento de Cavalaria, em Bagé.

Serviu a Getúlio Vargas, em duas ocasiões, com dedicação e lealdade, porque liderava a Revolução de 1930, pondo fim às injustas perseguições impostas aos jovens tenentes idealistas de 1922 e 1924.

Jamais se prevaleceu de sua liderança militar para se impor como líder político e assumir cargos públicos estranhos à carreira das armas. Revelou-se civilista nas horas em que precisou opinar. “Na minha vida, só lutei por princípios e idéias; só tive preocupações pelo nosso país”, foi sua

resposta ao General Carlos Luiz Guedes, ao ser perguntado o motivo pelo qual não desejara ser Presidente da República em 1964.

De 1922 a 1964, esteve sempre presente a todos os acontecimentos da vida nacional, não como mero observador pronto a conseguir vantagens, mas como elemento atuante, chefe incontestável e condutor incomparável de homens.

Como homem e cidadão deu de si o melhor em prol do Brasil; como soldado, submeteu aqueles que ameaçavam desagregar a nacionalidade. Preservando a união das Forças Armadas e garantindo a unidade nacional, foi um grande obreiro na sua época — um patriota.

## CONCLUSÃO

Reunindo estes e outros fatos corriqueiros que marcaram a sua passagem por terras brasileiras, vemos que ao lado dos admiráveis pensamentos e gestos inteligentes de homem, cidadão e soldado, também se alinhava a mais extrema nobreza de caráter.

De tudo, podemos concluir que o homem não desmereceu o soldado e o cidadão. A política valeu-se mais dele do que ele próprio dela.

O que há de permanente na sua mensagem transmitida às gerações vindouras serve de esteio à preservação de nossos valores maiores.

O que há de transitório na sua vida, fruto das modificações que os anos imprimiram e da complexidade da conjuntura de hoje, deve servir para meditação de todos nós que temos responsabilidades para com a sociedade e os destinos do Brasil.

Sua obra, de fé e civismo, retrata-se em um Exército forte, profissionalizado, operacional, disciplinado e atento, sentinela permanente da Pátria.

Ao comemorarmos o centenário de seu nascimento, realçando sua ímpar figura, queremos apontá-lo, nestas horas sombrias, como exemplo insofismável de soldado, que galgando os mais elevados postos da hierarquia militar e exercendo os mais altos cargos do Exército, não se deixou tomar pela ambição política.

A homenagem ora prestada ao insigne chefe militar advém, sobretudo, da constatação de conteúdo ético e dos profundos valores profissionais do Marechal Odylio Denys, ligados à exemplaridade para seus sucessores, coerentes com o reconhecimento de um homem e de sua obra.

Os grandes soldados, como dizem os versos de uma velha canção militar europeia, não morrem nem desaparecem, pois os exemplos legados àqueles que os substituem permanecem vivos eternamente na memória dos Exércitos, imortalizando-os.

Eis aí um autêntico cavaleiro *sans peur et sans reproche*.



*LUIZ PAULO MACEDO CARVALHO, p.s.c., é pós-graduado pelo "Staff College", Camberley, Reino Unido, e secretário do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil; foi membro do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, de Londres, e do corpo permanente da Escola Superior de Guerra. É Coronel da Reserva do Exército.*

## A THEMAG ORGULHA-SE EM PARTICIPAR COM PROJETOS PARA O DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO BRASILEIRO

Na área militar, desenvolvemos um sistema eletro/eletrônico para giro da torção de elevação do canhão testado como protótipo no M41 e agora em uso no TAMC. Estamos também fornecendo à Marinha, junto com Villares e Hank Siddons Dynamics Eng., controle e monitoração da propulsão, avarias e auxiliares das corvetas.

### DESDE 1961 PROJETANDO OBRAS DE GRANDE PORTE

● USINAS HIDRO E TERMOELÉTRICAS ● USINAS NUCLEARES ● BARRAGENS ● SUBESTAÇÕES ELÉTRICAS ● SISTEMAS DE TRANSMISSÃO DE ENERGIA ELÉTRICA ● LINHAS DE ALTA E EXTRA ALTA TENSÃO ● REDES ELÉTRICAS DE DISTRIBUIÇÃO ● ELETRIFICAÇÃO INDUSTRIAL ● ECCLUSAS E PORTOS FLUVIAIS ● PORTOS MARÍTIMOS ● ABASTECIMENTO DE ÁGUA ● SISTEMAS DE ESGOTO ● BARRAGENS DE TERRA ● FUNDAÇÕES DE ESTRUTURAS E DE ATERROS ● ESTABILIZAÇÃO DE TALUDES E ENROCAMENTO ● MINERAÇÃO ● ESTRUTURAS DE CRETO ARMADO E PROTENDIDO ● TÚNEIS E CAVERNAS SUBTERRÂNEAS ● RODOVIAS ● PAVIMENTAÇÃO RODOVIÁRIA ● FERROVIAS ● LINHAS DE METRÔ ● PONTES ● ESTRUTURAS INDUSTRIAIS LEVES ● PESADAS ● USINAS SIDERÚRGICAS ● REFINARIAS DE PETRÓLEO ● INDUSTRIAS DE GÁS NATURAL ● INDÚSTRIAS PETROQUÍMICAS ● INDÚSTRIAS QUÍMICAS E FERTILIZANTES ● PLATAFORMAS MARÍTIMAS ● INSPEÇÃO DE MATERIAIS E EQUIPAMENTOS ● GERENCIAMENTO E FISCALIZAÇÃO DE OBRAS ● INSTALAÇÕES DE GASEIFICAÇÃO DE BIOMASSA ● TECNOLOGIA DE CONCRETO ● REPAROS E RECUPERAÇÃO DE ESTRUTURAS

